



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – HIS

CATARINA JABORANDY PAIM DA CUNHA

“JUST A FEW LINES”:

a correspondência entre os membros da *Great Western Railway* durante a Primeira Guerra Mundial

Brasília
2021

CATARINA JABORANDY PAIM DA CUNHA

“JUST A FEW LINES”:

a correspondência entre os membros da *Great Western Railway* durante a Primeira Guerra Mundial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em História

Orientador: Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho

Brasília

2021

CATARINA JABORANDY PAIM DA CUNHA

JUST A FEW LINES:

a correspondência entre os membros da *Great Western Railway* durante a Primeira Guerra Mundial

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em História

Orientador: Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho

Data de defesa: 13/05/2021

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho - Orientador
Departamento de História (UnB)

Prof. Dr. Mateus Gamba Torres
Departamento de História (UnB)

Profª Drª Sílvia Adriana Barbosa Correia
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Brasília

2021

Os outros que me perdoem, mas dedico esse trabalho única e exclusivamente à Dona Fátima.

Tudo o que eu fiz até agora e tudo o que eu farei no futuro é por você.

Oficialmente, a sua historiadora.

Te amo.

RESUMO

Durante a Primeira Guerra Mundial, a correspondência por cartas era o principal meio de comunicação entre os combatentes e seus entes queridos em casa. Os membros do escritório de Auditoria da Great Western Railway, uma das principais empresas de transporte ferroviário da Inglaterra, utilizaram desse método para manter o contato entre aqueles no *homefront* e os enviados ao combate dos fronts ocidental e oriental. Parte dessa correspondência foi conservada e hoje é uma rica fonte de informações sobre esses homens e os elos que compartilhavam. Por meio da leitura dessas cartas, o presente trabalho tem como objetivo principal a análise dos valores compartilhados entre esses indivíduos e o papel do ambiente de trabalho na vida dos soldados durante a guerra.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial – *Great Western Railway* – Gênero epistolar – Cartas – História Social – História vista de baixo

ABSTRACT

During the First World War, letter correspondence was the primary mean of communication between combatants and their loved ones at home. Members of the Audit office of the Great Western Railway, one of England's leading railway companies, used this method to maintain contact between those who are were at homefront and those sent to fight on the western and eastern fronts. Part of that correspondence was preserved and today it is a rich source of information about these men and the links they shared. Through the careful reading of these letters, the present work's main objective is the analysis of the shared values between them, and the role of the work environment in the soldiers' lives during the war.

Key-words: First World War – Great Western Railway – Epistolary – Letters – Social History – History from Below

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<u>Figura 1: London Home Depot, Londres (11/11/18)</u>	19
<u>Figura 2: Diagramas das rotas entre o Home Depot para portos ingleses (Southampton, Folkestone), para portos franceses (Le Havre, Calais, Boulogne)</u>	20
<u>Figura 3: Cartão Postal da Great Western Railway de 1904 retratando a Estação de Paddington original como era em 1838.</u>	24
<u>Figura 4: Circular enviada à membros da empresa Great Western Railway</u>	26
<u>Figura 5: Notificação aos funcionários aptos a servir ao exército acerca as limitações do alistamento devido à falta de pessoal.</u>	29
<u>Figura 6: Newsletter produzida pelos funcionários da Great Western Railway</u>	33
<u>Figura 7: Cartão postal de serviço de campo</u>	34
<u>Figura 8: Exemplo de censura</u>	35
<u>Figura 9: Memorial da Great Western Railway</u>	40

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Tradição epistolar inglesa e o GPO (<i>General Post Office</i>)	15
2. Great Western Railway e a evolução do transporte ferroviário	23
3. GWR fellows: correspondência durante a Primeira Guerra Mundial	32
Considerações finais	
Referências bibliográficas	

INTRODUÇÃO

A Primeira Guerra Mundial foi um dos eventos mais marcantes do século XX. O número de combatentes mortos ultrapassa dez milhões¹. O conflito, ocorrido entre 1914 e 1918, foi o primeiro a estabelecer o estado de guerra total. O esforço de guerra deixou de ser uma competência apenas militar e estatal, e passou a atingir todos os segmentos da sociedade. O número de mortos civis também chega à casa dos milhões.

A historiografia da Primeira Guerra é tão antiga quanto o próprio conflito. A primeira fase desta historiografia, cunhada a “geração da Grande Guerra”², era composta majoritariamente por intelectuais, ex-soldados e funcionários estatais que possuíam conhecimento direto sobre a guerra, seja por meio de seu próprio serviço militar ou através de algum serviço relacionado diretamente com o esforço de guerra de seu país.

Os escritos históricos sobre a Primeira Guerra Mundial revelam as mudanças nas tendências historiográficas. Com a emergência da chamada nova história social em meados do século XX³, as produções sobre a Guerra sofreram grandes transformações. Dada a renovação dos estudos, a “história vista de baixo”⁴ pôs em evidência as narrativas dos combatentes, em contraste com a narrativa militar dos estrategistas, diplomatas, e chefes de Estado⁵. Essa perspectiva propiciou a ampliação dos limites da disciplina e a abertura de novas possibilidades de pesquisa.

Assim, a historiografia passou a procurar formas de destacar não apenas os “grandes homens”, mas também os “homens ordinários”. Uma das maneiras pelas quais esse objetivo pode ser alcançado é por meio do estudo de fontes documentais que anteriormente não eram considerados tão relevantes para as produções relacionadas à guerra, como, por exemplo, diários pessoais e, assim como no caso a ser estudado, cartas.

¹ WINTER, Jay (org.) *The Cambridge History of the First World War - Volume I: Global War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 1099.

² *Ibidem*, p. 43.

³ SANTOS, Andrea. Trajetórias da História Social e da Nova História Cultural: cultura, civilização e costumes no cotidiano do mundo do trabalho. In: *IX Simpósio Internacional Processo Civilizador*, 2005, Ponta Grossa - PR. Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa - PR: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, 2005.

⁴ SHARPE, Jim. *History From Below*. In: BURKE, Peter (ed.) *New Perspectives on Historical Writing*. 2ª edição. University Park, Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001. P. 25-42.

⁵ BARTOV, Omer et al. *Les Sociétés en Guerre: 1911-1946*. Paris, França: Armand Colin, 2003. p. 9.

Na Primeira Guerra Mundial, 25.479⁶ funcionários da *Grand Western Railway* (GWR)⁷, uma das principais companhias ferroviárias do Reino Unido, alistaram-se voluntariamente ou foram, por meio da conscrição⁸, convocados para combater. Esses homens compunham aproximadamente um terço da força de trabalho total da empresa. A sua atuação na guerra foi por meio do exercício de diversas funções no exército britânico, não necessariamente relacionadas ao transporte. 2.524⁹ foram mortos durante o conflito.

Um dos principais departamentos da empresa era o *Audit Office*, responsável pela a avaliação de procedimentos operacionais, gerenciamento de riscos, controle das funções e processos junto ao governo, entre outras funções¹⁰. Seu escritório principal era localizado na Estação de Paddington, no centro da cidade de Londres. Entre os anos de 1915 e 1918, os homens que lá trabalhavam, agora em serviço militar ativo, mantiveram contato frequente com seus colegas, inclusive seus superiores. Esses indivíduos formavam um grupo heterogêneo, com grande variedade de idade, raça, nível de escolaridade, estado civil, etc.

As cartas endereçadas ao escritório eram compiladas, reproduzidas e distribuídas entre os funcionários, assim como reenviadas para os outros soldados, que estavam espalhados por todo o mundo, e não tinham acesso à notícias sobre companheiros de trabalho facilmente. Essas compilações, chamadas de *newsletters*, incluíam, além das cartas em si, fotos, cartões postais, etc.

Para os soldados servindo no front, as cartas se tornaram o modo mais direto e mais importante de se manter contato com a suas famílias, amigos e, nesse caso, colegas de trabalho. O grande volume de correspondência é representativo da necessidade de

⁶ GITTINS, Sandra. *The Great Western Railway in the First World War*. Gloucestershire: The History Press, 2010. p. 31.

⁷ A companhia, durante a Grande Guerra, operava em uma primeira fase, entre 1833 e 1947. No pós-guerra, foi nacionalizada e mergida com três outras grandes companhias de transporte, dando origem à Grand Western Railway atual. *Ibidem*. p. 23.

⁸ No Reino Unido (com exceção da Irlanda), o Primeiro Ato de Serviço Militar (*Military Service Act*) foi instituído em Janeiro de 1916, e incluía, principalmente, homens solteiros entre os 18 e 41 anos de idade. Quatro meses depois, em Maio, um segundo Ato foi aprovado e estendia a conscrição para homens casados. CONSCRIPTION: THE FIRST WORLD WAR. UK Parliament, 2020. Disponível em: <<https://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/private-lives/yourcountry/overview/conscription/#:~:text=Conscription%20introduced&text=In%20January%201916%20the%20Military,certain%20classes%20of%20industrial%20worker.&text=A%20second%20Act%20passed%20in%20May%201916%20extended%20conscription%20to%20married%20men>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2020.

⁹ GITTINS, Sandra, 2010, loc cit. p. 40

¹⁰ *Ibidem*., p. 12

manter vínculos com suas vidas anteriores à guerra. No ano de 1917, por exemplo, o exército britânico despachava aproximadamente 8.150.000 cartas por semana¹¹.

A partir da análise de correspondências escritas pelos soldados/funcionários da GWR, é possível perceber uma forte ligação ao antigo emprego, com a presença de evidências de um anseio em relação ao retorno ao trabalho. Por diversas vezes, vemos os remetentes das cartas referirem-se ao interesse de manter o cargo que ocupavam na empresa antes da guerra, mesmo tendo plena consciência da possibilidade de nunca voltarem para casa. Dependendo a quem a carta estava destinada, a linguagem usada se altera, conforme a relação entre os interlocutores.

Sabendo disso, cabe o problema que guia esta pesquisa: qual a importância que o trabalho possui para esses combatentes? Seria o contato contínuo com os colegas trabalhando no *homefront* um farol, conectando-os à estabilidade que tanto contrasta com o caos do conflito incessante? É compreensível a busca pela estabilidade, especialmente durante longos períodos no front.

Meu principal objetivo neste trabalho é desenvolver um estudo acerca das experiências compartilhadas pelos membros em serviço militar ativo do *Audit Office*, por meio do conteúdo de cartas enviadas para o escritório, a modo de compreender de que maneira as experiências vividas durante a guerra eram relatadas nessas correspondências. Além disso, identificar quais as representações do espaço de trabalho para esses soldados.

Para que se alcancem os objetivos pretendidos, a pesquisa foi conduzida a partir da leitura e análise das correspondências entre os soldados e o escritório de Auditoria. As *newsletters* foram conservadas em 12 pastas e estão, atualmente, no acervo físico do *The National Archives*, o arquivo público nacional do Reino Unido, localizado em Kew, Inglaterra. Parte das cartas estão reproduzidas integralmente, juntamente com seus anexos, disponibilizadas como recurso educacional no site do arquivo.

Além desses recursos, foram utilizadas as transcrições das cartas presentes no livro *When The Office Went To War*¹², de Kathryn Phelps e Clare Horrie. As autoras afirmam terem feito um número mínimo de correções, como na pontuação e em erros

¹¹ BOYDEN, Peter. *Tommy Atkins' Letters: the history of the British army postal service from 1795*. Londres, Inglaterra: National Army Museum, 1990. p. 28. In: ROPER, Michael. *Nostalgia as an emotional experience in the Great War*. *The Historical Journal*, Cambridge, vol. 54, n. 2, pp. 421-451, 2011

¹² HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. *When the Office Went to War: War letters from the men of the Great Western Railway*. Londres: Bloomsbury Conway, 304p.

gramaticais “óbvios”¹³. A censura¹⁴ nas cartas também deve ser levada em consideração: trechos considerados de conteúdo sensível eram riscados com giz de cera azul, impossibilitando sua leitura.

A divisão desta monografia foi feita em três capítulos: no primeiro capítulo, discorrerei brevemente sobre o gênero epistolar e sua tradição europeia, especialmente na Grã-Bretanha. Também abordarei a história dos correios, desde a sua fundação até o início do século XX, com ênfase na sua atuação durante a Primeira Guerra Mundial.

Já no segundo capítulo, o assunto principal é a empresa *Great Western Railway*, desde sua fundação, o desenvolvimento das primeiras linhas ferroviárias, a construção da estação Paddington, até chegar na eclosão da Primeira Guerra. A partir daí, desenvolvo sobre o seu papel no conflito.

O terceiro e último capítulo é dedicado à análise das fontes, mais diretamente. Nessa parte, trago trechos das cartas, ressaltando as limitações que poderiam influenciar no momento da escrita, como a censura por oficiais. O destaque nessa parte do trabalho é para *Audit office fellows*¹⁵ e a sua relação interpessoal.

O gênero epistolar como fonte em uma produção científica não é novidade. As evidências do uso de cartas e correspondências remontam à Antiguidade, seja como gênero literário ou como fonte de informação para escritos bibliográficos¹⁶. Sua tradição consiste, principalmente, em estudar indivíduos notáveis, com ênfase em grandes intelectuais e políticos importantes.¹⁷ Com a perspectiva historiográfica da valorização do indivíduo, da vida privada e dos estudos sobre cultura, a publicação de coletâneas de cartas comentadas vem crescendo desde a década de 1980, conjugado à oferta de biografias.¹⁸

É necessário afirmar que não almejo apresentar uma narrativa objetiva e factual sobre os ocorridos durante a Primeira Guerra, ou os horrores vivenciados pelos soldados

¹³ Ibidem, p.18

¹⁴ RICHARDS, Anthony. Letter censorship on the front line. The Telegraph, Londres, Inglaterra, Reino Unido, 30 de maio de 2014. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/history/world-war-one/inside-first-world-war/part-ten/10863689/why-first-world-war-letters-censored.html>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

¹⁵ Termo utilizado pelos soldados para referir-se uns aos outros. In: HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. Op cit. p. 7.

¹⁶ MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 196.

¹⁷ Ibidem, p. 200.

¹⁸ Ibidem, p. 207.

no front de batalha. Ao trabalhar com cartas pessoais, subentende-se a presença de um caráter subjetivo de cada relato.

Jay Winter¹⁹, ao discorrer sobre a correspondência produzida por combatentes da Primeira Guerra Mundial, afirma que cartas não possuem a capacidade de fornecer dados da experiência geral do conflito, já que a experiência muda de acordo com a identidade de cada indivíduo. Mas isso não significa que eles devem ser desconsiderados como fonte histórica, e sim trabalhados de forma cuidadosa, sempre lembrando que a escrita foi provavelmente produzida em um momento estressante, e que cada um dos indivíduos tem um objetivo diferente com cada carta.

Explorar as características das narrativas em primeira pessoa, em especial o gênero epistolar no presente contexto, suas particularidades, e seus limites, nos permite um vislumbre não só de vidas pessoais, mas também da dinâmica funcional de diversos postos militares da Guerra. Relatos sobre as condições de convivência durante o conflito, o combate no *front*, e o número de baixas e feridos em suas companhias se misturam com perguntas sobre a situação no país natal, piadas, e casos do dia a dia. Essas cartas são um amálgama das diversas experiências vividas pelos soldados.

¹⁹ WINTER, Jay. *Remembering war: the Great War between memory and history in the twentieth century*. New Haven, Estados Unidos: Yale University Press. p. 115.

Capítulo 1

Tradição epistolar inglesa e o GPO (*General Post Office*)

O gênero epistolar possui um papel extremamente importante na história europeia²⁰. A carta adaptou-se às necessidades de cada era, evoluindo com a sociedade à medida que os séculos passavam. A constante relevância desse tipo de comunicação deve-se à sua característica multifacetada, no sentido que o uso da carta se diversificou, servindo de plataforma à emergência de diferentes subgêneros textuais.²¹

A variedades de maneiras nas quais a comunicação epistolar pode ser contextualizada, portanto, deriva da sua diversa natureza como prática social e discursiva: das epístolas Paulinas do Novo Testamento na Bíblia até a carta medieval como documento administrativo ou tratado de instrução espiritual, das correspondências científicas entre grandes intelectuais no século XVII até chegar ao seu ápice no século seguinte.²²

O século XVIII é conhecido como a “grande era da escrita epistolar”²³: a expansão de rotas postais, o aumento do grau de alfabetização e o crescimento da produção de cartas como um hábito social são os principais fatores que favoreceram para dar ao período essa reputação. Dentre as elites instruídas, o romance epistolar se tornou um gênero literário enormemente popular.²⁴

O estudo histórico das cartas é um campo fascinante por si só por, além de contribuir ao nosso conhecimento linguístico com utilizações anteriores das linguagens europeias, abrir uma janela ao passado das práticas de escrita e leitura e à realidade sociocultural nas quais estão inseridas.²⁵ Como uma forma de narrativa que se encontra de maneira

²⁰ BARTON, David.; HALL, Nigel. Letter writing as a social practice. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co, 1999.

²¹ EARLE, Rebecca. Epistolary Selves: Letters and letter-writers, 1600-1945. Nova York: Routledge, 2016.

²² STANLEY, Liz. “The Death of the Letter? Epistolary Intent, Letterness and the Many Ends of Letter-Writing.” Cultural Sociology, vol. 9, no. 2, June 2015, pp. 240–255. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1749975515573267#articleCitationDownloadContainer>

Acesso em: 12/02/2021.

²³ “The great age of letter writing”. In: CURRAN, Louise. Letters, letter writing and epistolary novels. British Library, 2018. Disponível em: <https://www.bl.uk/restoration-18th-century-literature/articles/letters-letter-writing-and-epistolary-novels#>. Acesso em: 13/03/2021.

²⁴ BEALE, Philip. A History of the Post in England from the Romans to the Stuarts. Nova York: Routledge, 1998.

²⁵ CAMICIOTTI, Gabriella. Letters and Letter Writing in Early Modern Culture: An Introduction. Journal of Early Modern Studies, n. 3 (2014), pp. 17-35.

ambígua entre a esfera pública e a privada, associadas, ao mesmo tempo, com a reclusão domiciliar e a exposição pública, as cartas oferecem um vislumbre inédito às vidas cotidianas de seu período.

Manuais para escrever cartas já existiam desde 1500, mas o século XVIII foi a “época de ouro” para essas publicações. Naquela época, havia surgido recentemente uma forma de comunicação escrita conhecida como a “carta familiar”²⁶, que era caracterizada por uma prosa informal e sincera, ao invés de exibições de intelecto, razão e sagacidade. *Letters Written to and for Particular Friends*, escrito pelo romancista britânico Samuel Richardson em 1741, foi um de uma série de manuais para escrever cartas publicados em meados do século XVIII²⁷.

Esses manuais continham cartas de exemplo adequadas a uma ampla gama de ocasiões específicas, desde a candidatura a um emprego até a aproximação romântica. As cartas, escritas a partir da perspectiva de personagens fictícios, foram projetadas para serem usadas como modelos para aqueles que não tinham confiança em suas habilidades de expressão escrita²⁸. Esse título em particular floresceu porque escrever cartas, por muito tempo domínio dos ricos e bem-educados²⁹, tornou-se mais difundido e acessível. Membros das classes média e trabalhadora agora podiam redigir notas persuasivas para amigos, familiares, amantes em potencial e clientes em potencial. Porém, como muitas dessas pessoas não tinham educação formal, eles procuraram ajuda para saber como aderir da melhor forma às convenções atuais.

As cartas, portanto, oferecem evidências de convenções comunicativas em diferentes contextos. Na Grã-Bretanha dos 1700, por exemplo, a correspondência por cartas exerceu um papel importantíssimo na esfera econômica: comerciantes que frequentemente eram indivíduos com nenhum tipo de familiaridade ao “outro”, eram capazes de estabelecer uma relação de confiabilidade que sustentava a expansão de crédito, em forma

²⁶ EARLE, Rebecca. *Epistolary Selves: Letters and letter-writers, 1600-1945*. Nova York: Routledge, 2016.

²⁷ STANLEY, Liz. “The Death of the Letter? Epistolary Intent, Letterness and the Many Ends of Letter-Writing.” *Cultural Sociology*, vol. 9, no. 2, June 2015, pp. 240–255. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1749975515573267#articleCitationDownloadContainer>
Acesso em: 12/02/2021.

²⁸ CURRAN, Louise. *Letters, letter writing and epistolary novels*. British Library, 2018. Disponível em: <https://www.bl.uk/restoration-18th-century-literature/articles/letters-letter-writing-and-epistolary-novels#>. Acesso em: 13/03/2021.

²⁹ GURKIN, Janet. *Epistolary: approaches to a form*. Cleveland: Ohio State University Press, 2018.

de trocas a longa distância.³⁰ A correspondência comercial criava comunidades de mercantes que transcendiam fronteiras culturais e nacionais em favor do comércio eficiente.

General Post Office

Fundado em 1660 pelo rei Carlos II, o correio britânico, oficialmente denominado *General Post Office (GPO)*³¹, expandiu-se rapidamente e logo se tornou uma organização de extrema importância na infraestrutura no Império durante o século XVII. Estima-se que número de correspondências transportadas pelo correio britânico durante o século XVIII aumentou em 50% a cada década, partindo de cerca de 80.000 itens em 1690³².

A correspondência ultramarina também apresentou melhoras na regularidade e na confiabilidade à medida que crescia. A maior frequência de viagens de embarcações responsáveis pelo correio para pontos estratégicos de contato e trocas internacionais foi essencial para as oportunidades de comunicação regular à longa distância. Por conta da maior densidade em regiões economicamente desenvolvidas, é possível deduzir que pelo menos uma parcela do número crescente de pacotes postais tratava-se de correspondência comercial.³³

Por ser o responsável pela distribuição e operação dos sistemas de correio, o GPO se expandiu através do Império Britânico. Inicialmente, sua jurisdição era apenas a região da Inglaterra e do País de Gales. Depois de um certo período, com a expansão do serviço para Escócia, o *General Post Office* passou a abranger toda a Grã-Bretanha.

Com o passar das gerações, o *General Post Office* solidificou-se como a figura principal responsável por qualquer coisa assunto relacionado à comunicação e correspondência. A emergência das telecomunicações modernas não alterou esse panorama: a partir de 1878, o *Post Office* tinha o monopólio assegurado por lei de “todo e qualquer aparato com o fim de transmissão de mensagens por meio da eletricidade, magnetismo, ou qualquer outro veículo”³⁴.

³⁰ HUDSON, Pat. *Correspondence and Commitment: British Traders' Letters in the Long Eighteenth Century*. Cultural and Social History, vol 11, n. 4, pp. 527-553, maio, 2015.

³¹ WELLS, Edward. *Mailshot – A history of the Forces Postal Services*. Londres: Defence Postal & Courier Services, 1987.

³² HUDSON, op. cit, p. 529.

³³ Ibidem, p. 552.

³⁴ HOLCOMBE, Arthur. *The Telephone in Great Britain*. *The Quarterly Journal of Economics*. Cambridge, MA, EUA. Vol. 21, nº1), pp. 96-135, novembro de 1906. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1883751>. Acesso em 28/02/2021.

Até o início da Primeira Guerra Mundial, o *Post Office* empregava mais de 250.000 pessoas e possuía receita anual de 32 milhões de libras esterlinas. Era a indústria mais lucrativa da Grã-Bretanha e o maior empregador de mão-de-obra de todo o mundo³⁵. Além de lidar com o total de 5.9 bilhões de itens postais por ano, o GPO também era responsável pelos sistemas de telégrafo e de telefone de toda a nação, assim como oferecia uma variedade de serviços em cada uma das suas milhares de agências.³⁶

Quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, em meados de 1914, alistaram-se 11.000 funcionários do GPO. Até dezembro do mesmo ano, o número de funcionários do alistados aumentou para 28.000. Ao fim do conflito, 75.000 funcionários do *Post Office* foram liberados para serviços diretamente relacionados à guerra³⁷.

As cartas e o *front*

Durante o conflito, a escrita de cartas tornou-se o meio de comunicação principal entre os combatentes e seus entes queridos. Para suprir a necessidade de mão-de-obra e manter o sistema de correios funcionando, mais de 35.000³⁸ mulheres foram contratadas em posições temporárias. O *Post Office* manteve seu papel fundamental na manutenção das comunicações ao longo de toda a Guerra.

Com o início do conflito, também foi mobilizado o *Army Postal Service (APS)*³⁹. Fundado em 1808 durante a Guerra Peninsular, o APS era uma divisão especial do GPO responsável não apenas por lidar com a correspondência entre a Grã-Bretanha e as suas tropas localizadas no exterior, mas também coordenar comunicações entre unidades diferentes no *front* de batalha. No decorrer da Primeira Guerra, o APS serviu na França, Bélgica, Dardanelos (antigo Império Otomano), Egito, Palestina, África Oriental, Grécia, Itália, e norte da Rússia.⁴⁰

Após a paralisação das movimentações iniciais de guerra e o estabelecimento das trincheiras ao fim de 1914, toda a correspondência endereçada para as tropas do *front*

³⁵ THE HISTORY PRESS. A short story of the Post Office. Disponível em: <https://www.thehistorypress.co.uk/articles/a-short-history-of-the-post-office/>. Acesso em: 29/03/2021.

³⁶ POSTAL MUSEUM. The Post Office and The First World War. Disponível em: <https://www.postalmuseum.org/collections/ww1/>. Acesso em: 12/01/2021.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ WELLS, Edward. *Mailshot – A history of the Forces Postal Services*. Londres: Defence Postal & Courier Services, 1987, p. 12.

³⁹ *Ibidem*. 23-24

⁴⁰ *Ibidem*, p. 43.

ocidental passou a ser manejada a partir de um grande galpão de madeira construído no *Regent's Park*, no centro de Londres. A estrutura, batizada de *London Home Depot*, abrigava mais de 2.500 funcionários, sendo a grande maioria mulheres. Segundo dados do Museu Postal da Inglaterra, durante o conflito o *Home Depot* foi responsável pela administração de impressionantes 2 bilhões de cartas e 114 mil pacotes⁴¹.



Figura 1: *London Home Depot*, localizado no *Regent's Park*, em Londres, no dia do armistício (11/11/18)

Fonte: POSTAL MUSEUM. *The Post Office and The First World War*

Na França, a APS estabeleceu depósitos-base em Le Havre, Boulogne e Calais. As cartas vindas da Inglaterra eram transportadas em navios através do canal inglês; apenas em 1917, mais de 19.000⁴² itens eram recebidos diariamente. Ao chegar na base da APS, a correspondência era armazenada juntamente com munição em carros de trem de mantimentos para o *front*.

⁴¹ POSTAL MUSEUM. *The Post Office and The First World War*. Disponível em: <https://www.postalmuseum.org/collections/ww1/>. Acesso em: 12/01/2021

⁴² THE HISTORY PRESS. *A short story of the Post Office*. Disponível em: <https://www.thehistorypress.co.uk/articles/a-short-history-of-the-post-office/>. Acesso em: 29/03/2021.

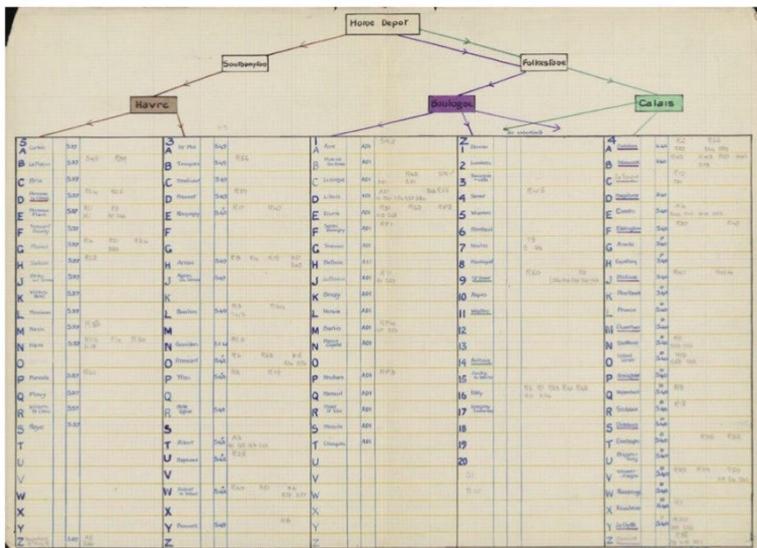


Figura 2: Diagramas das rotas entre o Home Depot para portos ingleses (Southampton, Folkestone), para portos franceses (Le Havre, Calais, Boulogne)

Fonte: POSTAL MUSEUM. *The Post Office and The First World War*.

A guerra de trincheiras significava que as posições britânicas no *front* mantinham-se relativamente estáticas. Isso possibilitou que uma rede abrangente de carrinhos e carroças se desenvolvesse, ligando as diferentes unidades e possibilitando a troca de comunicações escritas e outros pacotes entre elas. Em Londres, o departamento de Engenharia do *Post Office* projetou equipamentos de telefone e telégrafo usados nas trincheiras, o que permitiu que as operações militares fossem dirigidas em uma escala nunca tentada em qualquer guerra anterior.⁴³

Dada a mobilização da maioria da força de trabalho do GPO, serviços públicos disponíveis em tempos de paz foram atingidos. Áreas rurais foram particularmente afetadas. Em 1913⁴⁴, por exemplo, uma cidade rural poderia receber até doze entregas por dia, mas isso logo foi reduzido para apenas uma ou duas. Entregas feitas por estrada foram

⁴³ WELLS, op. cit, p. 65.

⁴⁴ GITTINS, Sandra. *The Great Western Railway in the First World War*. Gloucestershire: The History Press, 2010. p. 9.

reduzidas para a economia de gasolina e aquelas feitas por meio dos *Travelling Post Offices* – trens usados no transporte de correspondência – tiveram seus horários ajustados para tentar suprir a redução nos serviços.

O *War Office* também empregou milhares de mulheres bilíngues para trabalhar no monitoramento da censura postal e telegráfica com países neutros em todo o mundo. Assistida pelos *Post Office*, essa censura foi a maior de seu tipo e ajudou o governo a capturar espíões, controlar a disseminação de informações militares e compilar dados econômicos usados para melhor executar o bloqueio de importações vitais para a Alemanha.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o *General Post Office* foi não só o responsável pela entrega de bilhões de cartas aos soldados, mas também por outras funções de importância inestimável ao esforço de guerra. A correspondência por cartas tornou-se o meio de comunicação principal entre os combatentes e seus entes queridos. Muitas dessas cartas ainda estão disponíveis graças aos esforços de conservação de diversas áreas.

Os soldados escreviam cartas em momentos de folga, às vezes nas trincheiras da linha de frente ou nas redondezas mais calmas atrás das linhas. A censura ditava o que os militares tinham permissão para divulgar em suas correspondências⁴⁵. No entanto, na prática, os homens muitas vezes encontraram maneiras de transmitir informações, e suas cartas oferecem uma visão poderosa e altamente pessoal da experiência da guerra. Receber cartas de familiares e amigos também era vital para o estado de espírito, mantendo homens e mulheres ligados aos lares que haviam deixado para trás.

A partir da leitura das correspondências enviadas pelos soldados, é possível ter uma ideia não só de suas vidas pessoais, mas também da dinâmica funcional de diversos postos militares durante a Guerra. Relatos sobre o cotidiano, os combates no *front* e número de baixas e feridos em suas companhias se misturam com perguntas sobre a situação no país natal, piadas e casos do cotidiano, evidenciando que as cartas são um amálgama variado das experiências dos soldados.

⁴⁵ RICHARDS, Anthony. Letter censorship on the front line. *The Telegraph*, Londres, Inglaterra, Reino Unido, 30 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/history/world-war-one/inside-first-world-war/part-ten/10863689/why-first-world-war-letters-censored.html>> Acesso em 20/11/2019.

As cartas são exemplos do entrelace entre a história da humanidade e a do indivíduo: ao lê-las, é possível identificar o papel de homens comuns sobre um dos eventos mais marcantes da contemporaneidade e como viam o mundo mudar em frente dos seus olhos. O caos e destruição da guerra divide espaço com os laços de companheirismo e amizade com aqueles que ficaram em casa.

Capítulo 2

Great Western Railway e a evolução do transporte ferroviário

No início dos anos 1830, os comerciantes de Bristol, cidade portuária da Inglaterra, encontravam-se extremamente insatisfeitos com os problemas e atrasos na comunicação com a capital e com outros centros urbanos da região. A cidade de Liverpool, sua principal adversária no comércio atlântico, havia inaugurado em setembro de 1830 uma linha conectando-a à cidade de Manchester, o que ameaçava grandemente os negócios locais. Chamada *Liverpool and Manchester Railway*⁴⁶, essa foi a primeira linha ferroviária a fazer tanto o transporte de bens comerciais quanto o de seres humanos usando locomotivas e, por isso, é considerada a primeira ferrovia moderna do mundo.⁴⁷

Em janeiro de 1833, a Câmara de Comércio de Bristol e associações locais de representantes industriais e mercantes formaram um comitê para discutir a proposta de construir uma linha ferroviária com ligação direta à cidade de Londres para competir com as rivais. Como não houve qualquer tipo de objeção à ideia, as discussões logo passaram a ser sobre o fundo orçamentário e a contratação de um engenheiro para liderar os esforços.⁴⁸

Em março do mesmo ano, entre vários outros concorrentes, o engenheiro Isambard Kingdom Brunel, de 27 anos, foi selecionado como engenheiro-chefe da nova construção. Brunel, apesar de relativamente jovem, já havia experiência em empreendimentos similares, pois auxiliou na construção no túnel sob o rio Tâmesa, em Londres, em 1825, e foi o encarregado principal pelo erguimento da Ponte Pênsil de Clifton, em Bristol, inaugurada em 1831. A ferrovia Bristol-Londres foi apelidada de *Great Western Railway* (GWR).⁴⁹

A linha foi aberta em etapas entre os anos de 1838 e 1841, sendo inaugurada por completo em junho de 1841. Com o fim da construção da linha, a GWR percebeu ser

⁴⁶ STEAM: Museum of the Great Western Railway. Steam Education Pack 2 - *The History of the GWR: A brief historical overview*. Disponível em: <https://www.steam-museum.org.uk/downloads/1/steam>. Acesso em: 12/02/2021.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ *Ibidem*.

necessário o estabelecimento de uma central de manutenção para os vagões e os trilhos. Chamada de *GWR Works*, a localização escolhida para essa “oficina” foi em Swansea: a cidade era em um ponto médio no trajeto entre Londres e Bristol, e por ela também passavam outras linhas ferroviárias as quais possibilitavam o transporte e fornecimento de matéria-prima.⁵⁰

A Great Western Railway também necessitava de uma estação de trem oficial na cidade de Londres. Esse trabalho foi também encarregado à Brunel que, inicialmente, planejou uma grande edificação, localizada perto dos principais canais da cidade. Porém, devido aos já exorbitantes gastos com a linha férrea, a empresa restringiu a algo de menor porte. Uma estação improvisada foi estabelecida sob os arcos da *Bishop's Bridge*, uma ponte já existente, também planejada por Brunel alguns anos antes. Essa primeira estação, temporária, foi inaugurada com a primeira extensão da linha em 4 de junho de 1838.⁵¹



Figura 3: Cartão Postal da Great Western Railway de 1904 retratando a Estação de Paddington original como era em 1838.

Fonte: Coleção Geof Sheppard, 2014.

Em 1850, para acomodar o tráfego crescente resultante da inauguração da linha principal e da incorporação de outras rotas ao domínio da empresa, a estação inicial

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ BRINDLE, Steven. *Paddington Station: Its History and Architecture*. Londres: English Heritage, 2004. Pág. 12.

precisou ser estendida. Mais uma vez planejada por Isambard Brunel, a estação permanente da Great Western Railway foi inaugurada em 1854⁵². Foi permitido ao engenheiro a voltar para os seus planos originais de grandiosidade arquitetônica: seu projeto foi inspirado principalmente pelo “Palácio de Cristal”, edificação em madeira, ferro, e vidro, construída para servir de sede à Exposição Universal de Londres de 1851.⁵³

A primeira década do século XX foi uma ótima fase para a *Great Western Railway*. Além do crescimento estrutural da empresa, houve expansão dos negócios e o aumento do número de funcionários. O desenvolvimento de uma nova linha de locomotivas, influenciada pelos modelos americano e francês, consolidou ainda mais a GWR em um lugar de pioneirismo tecnológico na área de transportes ferroviários.

Esse período de prosperidade, porém, foi interrompido bruscamente com o início da Primeira Guerra Mundial. O impacto do conflito na empresa foi imediato: já no dia 5 de agosto de 1914, o dia seguinte à data oficial da entrada da Inglaterra no conflito, o governo inglês assumiu o controle da *Great Western Railway*. Isso foi possível por conta de uma legislação do ano de 1871, que estabelece que em caso de emergência e pelo bem da nação, o governo poderia controlar as principais empresas de ferrovia⁵⁴.

Frank Potter, gerente-geral da GWR, mandou uma circular (*figura 4*) para toda a empresa comunicando a estatização da empresa, mas assegurando que, apesar das mudanças, o corpo de funcionários e suas atribuições seriam mantidas as mesmas. A razão para o controle estatal era assegurar a disponibilidade imediata dos recursos de transporte necessários para o esforço inicial de guerra, como, por exemplo, mobilização de tropas, distribuição de mantimentos e armas, entre outros, assim que necessária.

⁵² The history of London Paddington station. The Network Rail. Disponível em: <https://www.networkrail.co.uk/who-we-are/our-history/ionic-infrastructure/the-history-of-london-paddington-station>. Acesso em: 01/03/2021.

⁵³ A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES E O PALÁCIO DE CRISTAL. Biblioteca Nacional, 2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/exposicao-universal-londres-1851-palacio-cristal>. Acesso em: 01/03/2021.

⁵⁴ GITTINS, Sandra. *The Great Western Railway in the First World War*. Gloucestershire: The History Press, 2010. p. 9.

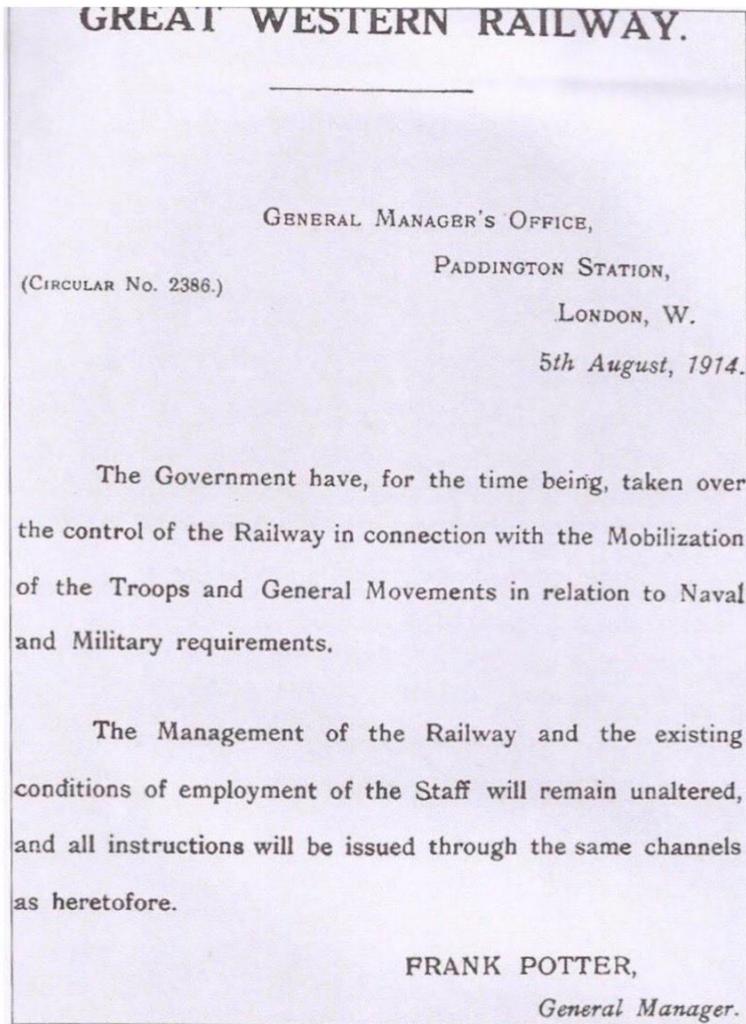


Figura 4: Circular enviada à membros da empresa Great Western Railway

Fonte: GITTINS, Sandra. *The Great Western Railway in the First World War*. Gloucestershire: The History Press, 2010. p. 9.

A importância das ferrovias durante esse período é impossível de ser mensurada: as rodovias que seriam fortemente utilizadas durante a Segunda Guerra Mundial ainda estavam em fase de aprimoramento e, portanto, o transporte ferroviário era a maneira mais direta, abrangente e eficiente de transporte. Até o dia 17 de agosto, 70.000⁵⁵ homens da força expedicionária britânica já haviam sido transportados por trem. Esse transporte não se restringia em apenas rotas para os portos de embarque, mas também houve pessoal transportado para os numerosos campos de treinos do país, especialmente o maior deles, localizado em Salisbury.

A excitação inicial que tomou conta de muitos países europeus no início da guerra também contagiou o corpo de funcionários da GWR. Em agosto de 1914, 4.048⁵⁶ funcionários da empresa já haviam se apresentado voluntariamente para o serviço militar. Muitos homens desse grupo eram reservistas das forças militares, que já possuíam experiência de combate, tendo servido ao exército britânico em conflitos na África do Sul ou em outras localidades⁵⁷.

Para além dos reservistas, a “romantização” da guerra presente na sociedade britânica fez com que homens jovens formassem uma parcela expressiva da primeira leva de soldados voluntários.⁵⁸ A geração que vivenciou o período de paz prolongada na Europa após décadas de conflito tinha o entendimento da guerra como algo glorioso, e o alistamento seria um sacrifício heroico a ser feito em nome do país. A expectativa de uma guerra rápida e de movimento também é um fator importante a ser levado em conta. A certeza de um retorno “antes do cair das folhas”⁵⁹ auxiliou a construção da imagem do conflito como algo passageiro, tido como a oportunidade perfeita de uma “aventura” a ser vivida.

O ritmo de alistamento de homens da empresa acompanhava o caminhar das agressões e as políticas estatais voltadas ao serviço militar. Mês a mês, os números de

⁵⁵ GITTINS, Sandra. *The Great Western Railway in the First World War*. Gloucestershire: The History Press, 2010. p. 11

⁵⁶ *Ibidem*. p. 18

⁵⁷ *Ibidem*. 19

⁵⁸ AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Annette. *14-18: Understanding the Great War*. Estados Unidos: Hill and Wang, 2014. p. 16.

⁵⁹ Trecho de discurso de Kaiser Wilhem II para tropas alemãs partindo para o front: “You will be home before the leaves have fallen from the trees”. In: KEEGAN, John. *The First World War*. Nova Iorque: Vintage Books USA. 2000. p. 9.

alistamentos voluntários dos funcionários da GWR foi aumentando, chegando a 8.466⁶⁰ em outubro. No entanto, diferentemente da previsão inicial, o avançar lento do conflito e o eventual impasse nas trincheiras do norte da França acabaram com qualquer previsão otimista de que a guerra chegaria ao fim junto com ao ano de 1914.

No início do conflito, Frank Potter havia anunciado que todos os postos ocupados por aqueles que fossem para a guerra seriam mantidos vagos até seu retorno, e caso não fosse possível manter a posição original, alternativas seriam encontradas para garantir o retorno de cada indivíduo ausente ao seu local na empresa. Acreditava-se que a guerra seria curta e que o prejuízo na empresa seria mínimo possível. A realidade brutal da guerra de trincheiras se tornava cada vez mais concreta: a rapidez com que soldados morriam superava o ritmo de recrutamento e treinamento de novas tropas.

Ao fim de 1914, a força de trabalho da GWR diminuía rapidamente e os gastos com o pagamento de hora-extra aumentavam para suprir a falta de pessoal.⁶¹ No início de dezembro, foram divulgadas as primeiras baixas da GWR: 58 mortos, 9 desaparecidos, e outros 200 homens feridos ou capturados como prisioneiros de guerra.⁶²

Essa situação levou a *Grand Western* a tomar medidas para conter a crítica diminuição de pessoal. A partir de novembro de 1914, o alistamento de funcionários passou a ser válido somente com a apresentação de um documento emitido pela empresa que autorizava a “licença” daquele funcionário. Essa norma visava manter a eficiência e produtividade dos serviços e restringia a perda de mão-de-obra tida como essencial para seu funcionamento.

⁶⁰ GITTINS, op. cit. p. 22.

⁶¹ GITTINS, Sandra. *The Great Western Railway in the First World War*. Gloucestershire: The History Press, 2010, op. cit. p. 18

⁶² *Ibidem* p. 19

GREAT WESTERN RAILWAY.

NOTICE TO THE STAFF.

In connection with the raising of additional recruits for the Army, the Parliamentary Recruiting Committee are addressing to every householder a request for a return of male persons between 19 and 38 years of age who reside in his house and are willing to enlist for the period of the War.

In order to avoid misunderstanding, it is essential that any member of the Staff who intimates willingness to enlist should also state clearly on the form that he is in the Railway Service, as Recruiting Officers are under instructions not to enlist in such cases without a certificate from the Railway Company that permission has been given.

The opportunity is taken of explaining to the Staff that the reason for the caution which it has been felt necessary to exercise in this respect is that in the interest of the country it is of the utmost importance that the railway services should be maintained in a state of complete efficiency, not only to deal with the ordinary business, but also, and over and above that, to meet the special requirements of the military authorities.

FRANK POTTER,
General Manager.

Paddington Station,
23rd November, 1914.

Figura 5: Notificação aos funcionários aptos a servir ao exercício acerca as limitações do alistamento devido à falta de pessoal.

Fonte: GITTINS, Sandra. *The Great Western Railway in the First World War. Gloucestershire: The History Press, 2010. p. 19.*

A contratação de funcionários temporários foi a primeira medida tomada pela empresa para preencher rapidamente as lacunas causadas pela diminuição da força de trabalho. Quando isso não foi o suficiente, mulheres se tornaram cada vez mais relevantes no mercado e empregados aposentados foram chamados para voltarem para seus antigos postos.⁶³

Com o número de mortes aumentando, a demanda por soldados se tornava cada vez mais urgente. Em janeiro de 1916, o Parlamento Inglês aprovou o Primeiro Ato de Serviço Militar (*Military Service Act*). Essa lei obrigava a conscrição, ou seja, o serviço militar obrigatório, a todos os homens solteiros entre os 18 e 41 anos de idade, com a exceção de indivíduos medicamente inaptos a servir, membros do clero, professores, e certas classes de trabalhadores industriais.⁶⁴

Quatro meses depois, em maio, o segundo Ato foi aprovado e estendeu a conscrição à homens casados. Todos os homens da empresa que entravam nessa categoria que ainda não haviam se alistado, ou foram considerados inaptos para o serviço militar, foram automaticamente inscritos no exército: 1008⁶⁵ funcionários da GWR foram submetidos a essa lei.

A partir desse ponto, a política de reserva de cargo para os combatentes se tornava cada vez mais insustentável: o número de homens que não poderiam retornar à empresa, seja por morte ou por algum outro problema médico que impossibilitava o serviço, não paravam de aumentar. Os postos, antes tidos como temporários, foram sendo preenchidos de maneira permanente.

As campanhas decisivas de contraofensiva durante a primeira metade de 1918 trouxeram um novo aumento na demanda por tropas adicionais. Mesmo com a entrada dos Estados Unidos no conflito⁶⁶, o governo britânico pediu pela liberação de mais

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ CONSCRIPTION: THE FIRST WORLD WAR. UK Parliament, 2020. Disponível em: <<https://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/private-lives/yourcountry/overview/conscription/#:~:text=Conscription%20introduced&text=In%20January%201916%20the%20Military,certain%20classes%20of%20industrial%20worker.&text=A%20second%20Act%20passed%20in%20May%201916%20extended%20conscription%20to%20married%20men>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2020.

⁶⁵ GITTINS, op. cit, p. 20.

⁶⁶ KEEGAN, John. *The First World War*. Nova Iorque: Vintage Books USA. 2000. P. 184.

funcionários, resultando no total de mais 1055⁶⁷ inclusos ao esforço de guerra. Dessa vez, a GWR manteve os homens acima de 43 anos em serviço no *homefront*.

Segundo dados publicados pela empresa no ano de 1920, 32,6%⁶⁸ dos funcionários da *Great Western Railway* serviram na guerra. Desses, 2.525 foram mortos em combate ou em decorrência de algum ferimento. Esse número, porém, tende a ser maior de acordo com a confirmação por meio de registros ou falecimento daqueles que sucumbiram à ferimentos anos após o fim do combate.

Neste contexto de conturbação extrema durante a Primeira Guerra Mundial é que se localiza o grupo de homens responsáveis pelas fontes a serem analisadas nesse trabalho. São os membros do escritório de Auditoria da GWR, localizado em Paddington, a sede oficial da empresa desde 1854.

Ao decorrer dos anos de serviço ativo, os homens que participaram da guerra continuaram a mandar cartas e fotografias para os colegas que permaneceram em Londres. Essas correspondências foram compiladas em *newsletters* mensais e distribuídas não só entre os funcionários do escritório, mas também para os próprios soldados, já que muitos deles estavam localizados em postos distantes uns dos outros e raramente se encontravam. Graças à conservação desses pequenos jornais, as cartas neles reproduzidas também o foram e hoje possibilitam um vislumbre de suas vidas durante a guerra.

⁶⁷ GITTINS, op. cit, p. 21.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 24.

Capítulo 3

GWR fellows: correspondência durante a Primeira Guerra Mundial

“Just a few lines to let you know I’m still in the land of the living”

Edgar Harry Brackenbury, 16 de março de 1916.⁶⁹

Estas palavras estão em uma carta de E.H. Brackenbury, uma dentre tantas outras escritas pelos britânicos nas forças durante a Primeira Guerra Mundial. A “correspondência de guerra” constrói uma representação do conflito com detalhes impressionantes, a partir das subjetividades dos homens que estavam lá. As cartas neste trabalho vêm dos membros do escritório de Auditoria (*Audit Office*) da Great Western Railway (GWR), na estação Paddington, durante seu serviço militar ativo, entre 1915 e 1918.

Endereçadas ao escritório, essas cartas eram agrupadas em boletins informativos mensais, aqui chamadas de *newsletters*, por aqueles que permaneceram na empresa, atuando no *homefront*. Essas destinavam-se à circulação interna nos departamentos, mas também eram lidas por homens em serviço no quando voltavam para casa de licença. Os entes queridos desses soldados que recebiam em casa suas próprias cartas ou fotografias as emprestavam ou as datilografavam para serem incluídas à *newsletter* de cada mês.⁷⁰

Cada um desses boletins iniciava com uma seção de notícias, listando aqueles que escreveram e enviaram fotos para o escritório, e aqueles que recentemente deixaram a empresa para servir no front. Essa seção também dava detalhes sobre os combatentes da empresa que morreram ou foram feridos, visitaram o escritório em licença ou foram promovidos dentro das forças armadas britânicas.

⁶⁹ “Apenas algumas linhas para que você saiba que ainda estou na terra dos vivos”. In: HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. *When the Office Went to War: War letters from the men of the Great Western Railway*. Londres: Bloomsbury Conway. p. 7

⁷⁰ *Ibidem*. p. 8

É possível perceber que houve um grande esforço para manter contato a todo custo. Um indicativo desse compromisso é a pergunta feita na primeira *newsletter*, de agosto de 1915: “Are we in touch with all the fellows away, and if not, why not?”⁷¹.

Devido ao volume de documentação e a natureza do atual trabalho, foi necessário fazer uma seleção. Com ênfase principal nas cartas, optei por aquelas redigidas com a maior riqueza de detalhes e as que acredito melhor representarem a relação entre os colegas de trabalho da GWR.

Esses documentos encontram-se atualmente armazenados junto ao acervo físico do arquivo público nacional do Reino Unido. Cada uma das *newsletters* era organizada como uma espécie de álbum de recortes: eram incluídas, além das cartas, fotografias, cartões postais, recortes de jornais contemporâneos, e cartões de campo (field cards) enviados pelos soldados.

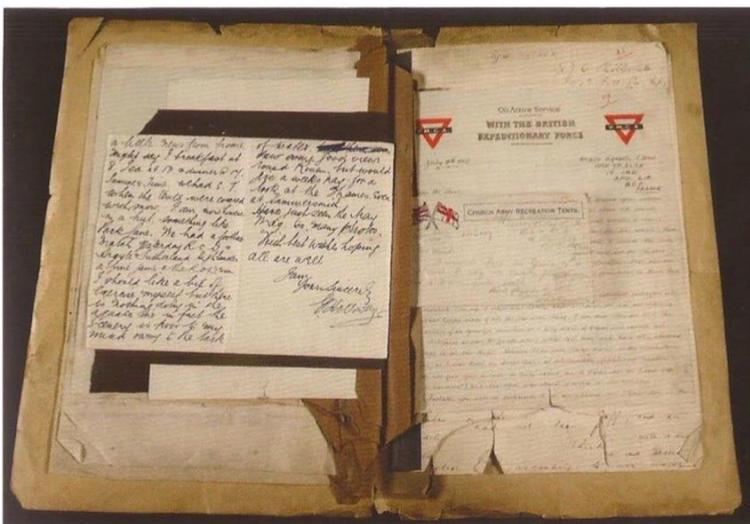


Figura 6: Newsletter produzida pelos funcionários da Great Western Railway

Fonte: HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. *When the Office Went to War: War letters from the men of the Great Western Railway*. Londres: Bloomsbury Conway. p. 144.

⁷¹ “Estamos em contato com todos os companheiros ausentes e, se não, por que não?”. In: *Ibidem*, p. 12.

Os *field cards*⁷² eram uma espécie de cartão postal, usados pelos combatentes para enviar mensagens rápidas para casa, sem a necessidade de censura por parte de seus oficiais. O objetivo deles era assegurar a seus entes queridos que eles estavam vivos e bem, e confirmar que as cartas e pacotes enviados de casa estavam chegando ao front. Neles estava uma seleção de frases pré-impressas que o soldado descartava (ou não) conforme a sua situação. Se algo diferente de uma data e assinatura fosse adicionado, o cartão era destruído pelos censores:

NOTHING is to be written on this side except the date and signature of the sender. Sentences not required may be erased. If anything else is added the post card will be destroyed. 10

[Postage must be prepaid on any letter or post card addressed to the sender of this card.]

I am quite well.

I have been admitted into hospital
~~*sick*~~ } *and am going on well.*
~~*wounded*~~ } *and hope to be discharged soon.*

I am being sent down to the base.

I have received your { *letter dated 4/1/18*
telegram ,, _____
parcel " _____

Letter follows at first opportunity.

I have received no letter from you
 { *lately* _____
 { *for a long time* _____

Signature } *W. Wigg*
 only }
 Date } *8/1/18*

(1086) Wt. W1006/111012 7,500,000, 11/17. H. O. & L., Ltd.

Figura 7: Cartão postal de serviço de campo preenchido por W. Wigg, membro do Audit Office, datado 8 de janeiro 1928.

Fonte: HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. *When the Office Went to War: War letters from the men of the Great Western Railway*. Londres: Bloomsbury Conway. p. 278.

⁷² FIRST WORLD WAR – Inquiry guide and resources. Field Postcards. Disponível em: <http://www.firstworldwar.tki.org.nz/en/resources/field-postcard/>. Acesso em: 20/04/2021.

A censura⁷³ deve ser levada em consideração. Todas as cartas eram revisadas por oficiais e trechos contendo informações tidas como sensíveis eram riscados com giz de cera azul ou preto, impossibilitando sua leitura no caso de uma eventual interceptação inimiga:

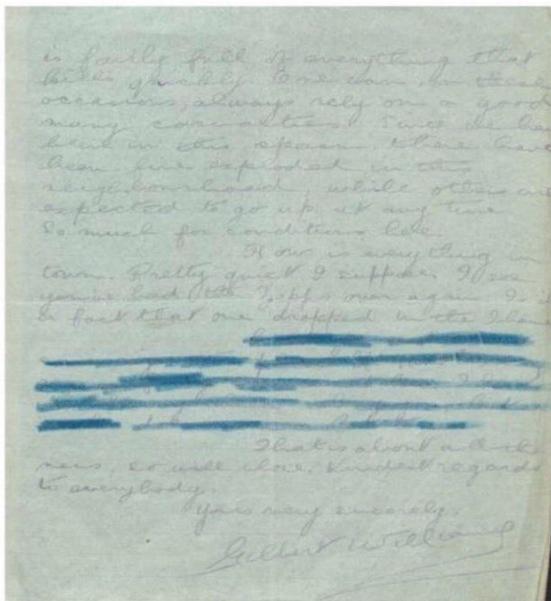


Figura 8: Exemplo de censura presente na carta de Gilbert Williams, funcionário do Audit Office servindo ao exército britânico na França. Datada em 6 de abril de 1916.

Fonte: THE NATIONAL ARCHIVES. *Letters from the First World War, part two*. Disponível em: <https://www.nationalarchives.gov.uk/education/resources/letters-first-world-war-1916-18/>. Acesso em 12/01/2021.

Algumas cartas apresentam maior formalidade do que outras, especialmente quando os homens se dirigiam a seus superiores ou chefes. “Prezado Senhor” (*Dear Sir*) era usado como uma forma frequente de tratamento nessas circunstâncias. Em outros casos, é evidente que os autores escreveram para amigos próximos e usaram apelidos

⁷³ RICHARDS, Anthony. Letter censorship on the front line. *The Telegraph*, Londres, Inglaterra, Reino Unido, 30 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/history/world-war-one/inside-first-world-war/part-ten/10863689/why-first-world-war-letters-censored.html>>

como “Effie” para F.E. Lewis; “Burgie” para Mr. G. Burgoyne; “Jacko” para E.W. Jackson; “Frosty” para R.C.S. Frost; “Fatty” para J.W. Hyam; e “Mug” para Morris, para citar alguns.

O conteúdo compartilhado pelas cartas abrangia uma gama ampla de temas, do geral ao específico. O fato de a correspondência relatar tanto os momentos de lazer quanto os de tensão nos revela muito sobre a importância das cartas para esses homens. Numerosas cartas descrevem o treinamento em campos militares no Reino Unido em Longmoor ou Bordon⁷⁴, onde o sentimento de expectativa era evidente após o alistamento voluntário. Por exemplo, Donald Hambly escreveu no final de 1915 enquanto treinava na costa sul da Inglaterra: “I am living in hopes of being sent out very much nearer the real thing, but for the present I must possess my soul in patience and carry on with what cheerfulness I can muster.”⁷⁵

Assim que os soldados chegavam a seus destinos, o cenário de guerra passa a ser o assunto principal nas cartas. Por meio de suas narrativas pessoais, esse elenco específico de personagens mapeou suas experiências do conflito na França, Bélgica, Índia, Grécia, Egito e na Península de Galípoli, localizada na Turquia.

Muitos transmitiram as condições precárias das trincheiras. Diversas cartas trazem relatos sobre a lama, o frio, a constante ameaça de bombardeio e barulho interminável de tiros e explosões. Um dos mais recorrentes assuntos é a situação dos corpos em decomposição dos combatentes: não era possível enterrar todos e muitos dos mortos nas trincheiras ou na “terra de ninguém” foram abandonados onde caíram⁷⁶. Em 18 de junho de 1915, T. H. Watts escreve:

The fighting just lately has been terrible. Our shells knock the enemy all ways and the sight in the trenches that we take is awful. We wear our respirators because of the awful smell of the dead. I'll never get the sight out of my eyes, and it will be an everlasting nightmare. If I am

⁷⁴ KEEGAN, John. *The First World War*. Nova Iorque: Vintage Books USA. 2000. P. 203.

⁷⁵ “Estou vivendo na esperança de ser enviado para muito mais perto da coisa real, mas por enquanto devo controlar minha alma com paciência e continuar com toda a animação que puder reunir”. In: HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. *When the Office Went to War: War letters from the men of the Great Western Railway*. Londres: Bloomsbury Conway. p. 82

⁷⁶ PROST, Antoine. The dead. In: WINTER, Jay (org.) *The Cambridge History of the First World War - Volume III: Civil Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. P. 1061.

spared to come home, I'll be able to tell you all about it, but I cannot possibly write as words fail me. I can't describe things.⁷⁷

G. Williams, ao relatar sobre uma situação similar em 6 de abril de 1916 diz:

The fighting at one time was so fierce that there was only time just to bury the dead in the sides of the trenches, and now that the trenches have crumpled one is constantly seeing the bones of men's legs or their boots, or skulls sticking out from the sides of the trenches.⁷⁸

Muitos dos homens documentaram também o exaustivo trabalho realizado durante a "reserva", incluindo a escavação de trincheiras e a construção de parapeitos e abrigos.

Em uma carta sem data, E. H. Cecil Stewart escreveu:

We stayed here for about a week; then we got to work again, digging reserve trenches just behind the front line, building up parapets which had been demolished by the enemy's high explosive shells and such like, working all night and getting what sleep we could in the daytime⁷⁹.

Para aqueles enviados ao front oriental, as diferenças entre as paisagens europeias e africanas ou asiáticas eram um assunto frequente nas cartas. Em 23 de novembro de 1915, Thomas Harold Watts, descreve o cenário ao redor do seu alojamento em Dardanelles, Turquia: "We are now in our winter quarters and a very nice place it is. Right on the edge of the cliffs, with a beautiful sea below, it reminds me very much of Cornwall."⁸⁰

Para os homens da Auditoria que estavam longe de casa, acredito ter sido importante manter essa conexão com Paddington e a vida civil. A correspondência com o escritório forneceu uma espécie de refúgio dos horrores vivenciados no front e permitiu que "escapassem" para a vida em tempos de paz. Em uma carta sem data para Gerald Burgoyne, E. W. Bratchell, escreveu: "Thank Mr Drewe very much for making inquiries,

⁷⁷ "A luta ultimamente tem sido terrível. Nossas bombas arremessam o inimigo para todos os lados e a visão das trincheiras é horrível. Usamos nossos respiradores por causa do cheiro horrível dos mortos. Eu nunca vou tirar a visão dos meus olhos, e será um pesadelo eterno. Se eu for poupado e voltar para casa, poderei lhe contar tudo sobre isso, mas não posso escrever porque as palavras me faltam. Não consigo descrever." In: HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. Op. cit, p. 44

⁷⁸ Ibidem. pp. 184-185

⁷⁹ "Ficamos aqui por volta de uma semana; então começamos a trabalhar novamente, cavando trincheiras reserva logo atrás da linha de frente, construindo parapeitos que tinham sido demolidos pelos projéteis altamente explosivos do inimigo e coisas do tipo, trabalhando a noite toda e dormindo o máximo que podíamos durante o dia." In: HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. When the Office Went to War: War letters from the men of the Great Western Railway. Londres: Bloomsbury Conway p. 75

⁸⁰ "Estamos agora em nossos alojamentos de inverno e é um lugar muito bom. Bem na beira das falésias, com um lindo mar abaixo, isso me lembra muito a Cornualha." THE NATIONAL ARCHIVES. Letters from the First World War, part one – Dardanelles. Disponível em: <https://www.nationalarchives.gov.uk/education/resources/letters-first-world-war-1916-18/>. Acesso em 12/01/2021.

tell him I occasionally wish heartily to be on the old job again, the quiet life will do for me after this”.⁸¹

O escritório de auditoria de Paddington frequentemente enviava pacotes aos homens. Os que estavam na linha de frente costumavam escrever de volta ao escritório agradecendo por seus presentes ou até mesmo fazendo pedidos especiais, como Gilbert Williams em agosto de 1915, que escreveu:

Awfully kind of you to offer to send me some cigarettes. We get issued with some periodically but it's very poor stuff we get. If you could send me a box of Abdulla you would be making me feel as if heaven had opened its gates to me.⁸²

A Great Western Railway criou um comitê na estação Paddington para organizar arrecadações. Ele tinha o objetivo de viabilizar o envio de mais pacotes contendo diversos itens para os combatentes. A empresa fez isso por causa do grande número de homens da GWR, incluindo funcionários administrativos, que se juntaram às forças armadas britânica não apenas para combater no front, mas também prestar serviços no exterior.⁸³

Depois que a guerra terminou e as tropas retornaram para casa, a GWR foi capaz quantificar a sua contribuição de pessoal às tropas britânicas. A participação do escritório de Auditoria foi alto: do total de 322 funcionários, 184 se alistaram. Desses, 17 perderam a vida.⁸⁴ Em 1920, o escritório revelou uma placa memorial dentro de uma de suas salas de reuniões, com o nome de cada um dos 17 funcionários que perderam a vida na guerra.

Durante o serviço ativo na Primeira Guerra Mundial, os funcionários estavam dispersos em várias funções e diferentes localidades. Como a correspondência entre eles e aqueles que permaneceram no país atuando no *homefront* não cessou em nenhum momento, temos acesso a uma coleção de cartas fascinantes que devem vistas como parte de um todo.

⁸¹ “Agradeça muito o Sr. Drewe por questionar sobre mim, diga a ele que ocasionalmente desejo de todo o coração estar de volta ao antigo emprego, a vida tranquila será suficiente para mim depois disso” In: HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. Op. cit. p. 37.

⁸² “Muito gentil de sua parte se oferecer para me enviar alguns cigarros. Recebemos alguns periodicamente, mas é muito ruim. Se você pudesse me enviar uma caixa de Abdulla, você estaria me fazendo sentir como se o céu tivesse aberto seus portões para mim” Ibidem. p. 82

⁸³ HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. Op cit. p. 16

⁸⁴ Ibidem p. 17

O que torna esta coleção de cartas de soldados tão diferente de todas as outras é o fato de que ela revela as histórias de um determinado grupo de homens que estavam escrevendo para seus colegas e chefes. Atualmente, essas missivas oferecem uma visão única da Grande Guerra – esses soldados estavam escrevendo para informar e entreter seus colegas, em vez de consolar um pai preocupado ou confessar seu amor a um parceiro distante – e dar vida a um grupo distinto de indivíduos.

Demorou algum tempo para a GWR decidir como homenagear aqueles que morreram em batalha. Os diretores da empresa passaram por uma série de deliberações enquanto tentavam decidir sobre um memorial adequado para todos os membros que haviam perdido suas vidas na Primeira Guerra⁸⁵.

Finalmente, em 11 de novembro de 1922, um monumento dedicado a todos os 2.524 funcionários da Great Western Railway que morreram na Primeira Guerra Mundial foi inaugurado na estação Paddington⁸⁶. Acima de uma grande pedra de mármore com a inscrição dos nomes de todos os mortos na guerra, está a estátua de um soldado britânico, com a cabeça abaixada, lendo uma carta em suas mãos. Esse memorial serve como representação física da importância de escrever cartas não apenas para suas famílias, mas também para seu local de trabalho. Me parece muito apropriado que os homens do *Audit Office* tenham sido homenageados dessa maneira.

⁸⁵ STEAM: Museum of the Great Western Railway. Steam Education Pack 2 - *The History of the GWR: A brief historical overview*. Disponível em: <https://www.steam-museum.org.uk/downloads/1/steam>. Acesso em: 12/02/2021.

⁸⁶ MORIARTY, Catherine. “‘Though in a picture only’: portrait photography and the commemoration of the First World War. In: BRAYBON, Gail (ed). *Evidence, history and the Great War*. New York, Estados Unidos: Berghahn Books, 2005. P. 54



Figura 9: Memorial da Great Western Railway em homenagem aos funcionários mortos na Primeira Guerra Mundial.

Fonte: STEAM: Museum of the Great Western Railway. Steam Education Pack 2 - The History of the GWR: A brief historical overview. Disponível em: <https://www.steam-museum.org.uk/downloads/1/steam>.

Acesso em: 12/02/2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise das cartas trocadas entre os membros do escritório de Auditoria da *Great Western Railway*, é possível perceber a afinidade que tinham uns com os outros. Quando se acrescenta o pano de fundo da Primeira Guerra Mundial, essa conclusão torna-se cada vez mais clara.

Os horrores da guerra são inimagináveis, e pensar que, mesmo ao vivenciá-los, os soldados optaram por utilizar o principal meio de comunicação para corresponder-se com seus colegas de ofício, nos leva ao simples fato de que o *Audit Office* representava muito mais do que o lugar físico.

Para esses homens que estavam em serviço ativo às forças armadas britânicas, o trabalho tornou-se algo além da maneira que eles ganhavam dinheiro antes da guerra, mas sim um interlocutor que estava além da situação atual. Era uma conexão direta com a segurança e o conforto da vida antes da guerra, mesmo que idealizado. Representava algo a se apegar para aqueles soldados que eram jovens demais para ter se casado e formado uma família.

Com o passar das gerações e o desaparecimento dos indivíduos que vivenciaram pessoalmente eventos trágicos, como guerras e genocídios, a impessoalidade pode tomar conta da forma como se fala sobre esses acontecimentos, especialmente no tocante à suas vítimas. Milhões de pessoas, com personalidades distintas, amigos, e família, reduzidos à cifras do total de mortos ou consequência natural da circunstância em que viveram.

Dentro da historiografia, cartas pessoais são fontes valiosas, pois permitem ao historiador alcançar uma perspectiva diferenciada dos grandes eventos da história. No estudo da Primeira Guerra Mundial, elas servem de forma especial a esse propósito, pois já não temos nenhum de seus combatentes vivo.

Não temos como saber o nome e a história de cada combatente ou cada vítima da Primeira Guerra Mundial, mas essas cartas trazem, mesmo que de maneira fugaz, a possibilidade de humanizar alguns desses e mostrar que eram pessoas complexas como nós. A noção de que cada número era, na verdade, uma pessoa, nunca foi tão atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTON, David.; HALL, Nigel. **Letter writing as a social practice**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co, 1999.
- BEALE, Philip. **A History of the Post in England from the Romans to the Stuarts**. Nova York: Routledge, 1998.
- BEALE, Philip. **England's Mail**. Reino Unido: Tempus, 2005.
- BLOOM, Harold. **Bloom's Modern Critical Interpretations**: Erich Maria Remarque's All Quiet on The Western Front — New Edition. Nova Iorque: Infobase Publishing, 2009. 233p.
- CAMICIOTTI, Gabriella. Letters and Letter Writing in Early Modern Culture: An Introduction. **Journal of Early Modern Studies**, n. 3 (2014), pp. 17-35.
- CURRAN, Louise. **Letters, letter writing and epistolary novels**. British Library, 2018. Disponível em: <https://www.bl.uk/restoration-18th-century-literature/articles/letters-letter-writing-and-epistolary-novels#>. Acesso em: 13/03/2021.
- DECKER, William. **Epistolary Practices**: Letter writing in America before telecommunications. Charleston: University of North Carolina Press, 1998.
- DOYLE, Peter; WALKER, Julian. **Trench Talk**: Words of The First World War. Gloucestershire: The History Press, 2012. 240p.
- EARLE, Rebecca. **Epistolary Selves**: Letters and letter-writers, 1600-1945. Nova York: Routledge, 2016.
- GITTINS, Sandra. **The Great Western Railway in the First World War**. Gloucestershire: The History Press, 2010.

GOMES, Angela de Castro. (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro:

Editora FGV, 2004.

GURKIN, Janet. **Epistolarity: approaches to a form**. Cleveland: Ohio State University Press, 2018.

HOLCOMBE, Arthur. The Telephone in Great Britain. **The Quarterly Journal of Economics**, Nov., 1906, Vol. 21, No. 1 (Nov., 1906), pp. 96-135. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/1883751>. Acesso em 28/02/2021.

HORRIE, Clare; PHELPS, Kathryn. **When the Office Went to War: War letters from the men of the Great Western Railway**. Londres: Bloomsbury Conway. 304p.

HUDSON, Pat. Correspondence and Commitment: British Traders' Letters in the Long Eighteenth Century. **Cultural and Social History**, vol 11, n. 4, pp. 527-553, maio, 2015.

IMPERIAL WAR MUSEUMS. **Letters to Loved Ones** . Disponível em:

<<https://www.iwm.org.uk/history/letters-to-loved-ones>> Acesso em: 12/11/2020

KEEGAN, John. **The First World War**. Nova Iorque: Vintage Books USA. 2000. 528p.

MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-249.

PINSKY, Carla (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora contexto, 2008, 302p.

POSTAL MUSEUM. **The Post Office and The First World War**. Disponível em:

<https://www.postalmuseum.org/collections/ww1/>. Acesso em: 12/01/2021.

REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Tradução de Helen Rumjaneck. — Porto Alegre: L&PM, 2004. 224 p.

SHOWALTER, Dennis. “The Great War and Its Historiography.” **The Historian**, vol. 68, no. 4, 2006, pp. 713–721.

SANTOS, Andrea. Trajetórias da História Social e da Nova História Cultural: cultura, civilização e costumes no cotidiano do mundo do trabalho. In: IX Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2005, Ponta Grossa - PR. **Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Ponta Grossa - PR: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, 2005.

STANLEY, Liz. “The Death of the Letter? Epistolary Intent, Letterness and the Many Ends of Letter-Writing.” **Cultural Sociology**, vol. 9, no. 2, June 2015, pp. 240–255.

Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1749975515573267#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: 12/02/2021.

STOWE, Steven. **Making Sense of Letters and Diaries**. History Matters: The U.S. Survey Course on the Web, 2002. Disponível em: <http://historymatters.gmu.edu/mse/letters/>. Acesso em: 01/03/2021

THE HISTORY PRESS. **A short story of the Post Office**. Disponível em: <https://www.thehistorypress.co.uk/articles/a-short-history-of-the-post-office/>. Acesso em: 29/03/2021.

WELLS, Edward. **Mailshot: A history of the Forces Postal Services**. Londres: Defence Postal & Courier Services, 1987.

WINTER, Jay (org.) **The Cambridge History of the First World War** - Volume I: Global War. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. 941p.

_____ **The Cambridge History of the First World War** - Volume II:
The State. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. 1008p.

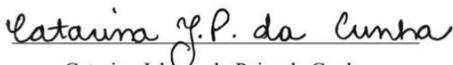
_____ **The Cambridge History of the First World War** - Volume III:
Civil Society. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. 1302p.

WISE, Nathan. Historical correspondence in research. **Traces Magazine**, 2020. Disponível em: <https://tracemagazine.com.au/2020/05/historical-correspondence-in-research/>. Acesso em: 21/02/2021

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Catarina Jaborandy Paim da Cunha, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Just a few lines: a correspondência entre os membros da Great Western Railway durante a Primeira Guerra Mundial” foi integralmente por mim redigido, e que assinali devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília – DF, 29/04/2021



Catarina Jaborandy Paim da Cunha